



Agroecossistema de feijão, arroz, milho mamona com campim vetiver entorno

vos para o consumo da família. Parte desta diversidade como banana, milho-verde e jaca é comercializada no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do governo federal. Além disso, comercializam ainda o café conilon, a pimenta-do-reino, mudas de açaí e sementes crioulas de milho e feijão. A partir de abril começam a comercializar na feira agroecológica de São Mateus, onde se espera que muitos outros produtos da rica diversidade da propriedade cheguem aos consumidores.

O fato de produzirem quase tudo que consomem na própria terra cria soberania e segurança alimentar, pois não dependem do mercado e os produtos têm garantia de qualidade!

A agroecologia é fonte inesgotável de saberes. A cada encontro entre os/as agricultores/as uma nova técnica ou receita é aprendida. Foi num desses encontros que a família aprendeu a preparar o EM (Microrganismos Eficientes)

e o biofertilizante que hoje são essenciais em todos os manejos dentro da propriedade, tanto no controle de pragas e doenças quanto na manutenção da fertilidade e estrutura do solo que garantem a biodiversidade. A produção do biofertilizante foi ampliada e a família vai começar a comercializar o produto.

Agroecologia: gostar de ouvir o sabiá cantar e de folia de Reis

Além de toda a agrobiodiversidade da propriedade a família não fica para trás quando o assunto é cultura. Emerson é cantor e compositor. Sempre participa dos eventos do MPA, do MST, escolas e eventos da agroecologia; agora vai começar a cantar na feira agroecológica de São Mateus. Dentre as músicas, ele compôs uma de denúncia à tragédia do Rio Doce e outra da antiga Aracruz Celulose, hoje Fibria; dentre as de anúncio ele compôs "Preparando para a lutar", que diz, que dentre outras coisas diz:

| | | |
|-------------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| <i>O agronegócio</i> | <i>É coisa de se esperar</i> | <i>Que algum dia</i> |
| <i>Esse troço é falsidade</i> | <i>Quando raiar</i> | <i>A todos nos vai alcançar</i> |
| <i>E a liberdade</i> | <i>O sol da agroecologia</i> | |

A família se orgulha em dizer que não produzem somente alimento, mas também cultura, que já está passando de pai para filho, pois o Francisco também já está mandando ver no dedilhar do violão. Em meio a tanta cultura, trocas de saberes e experiências Emerson se lembra de Marx: "O homem só é livre quando se liberta de sua própria alienação", e acrescenta: "Eu me libertei da minha quando vim para a terra". A família enfatiza a importância do MPA nessa conquista e empoderamento campestre, dizendo que sozinhos não conseguiriam nada. É como disse o nostálgico Raul: "Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade." No trem da vida, de campestre a campestre, rumo a Agroecologia!

Material produzido a partir da Excursão Científica do Projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste (edital 81/2013 MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq), a Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste, que ocorreu no município de São Mateus/ES.

REALIZAÇÃO:

Comboio de Agroecologia do Sudeste e ECOAr (Edital 81/2013)
Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA)

Autores: Rafael Mauri, Douglas Alvaristo Fernandes e Irene Maria Cardoso

Revisão: Rafael Mauri, Ramon da Silva Teixeira e Irene Maria Cardoso

Participantes da Excursão Científica: Rafael Mauri, Douglas Alvaristo Fernandes, Poliane Oliveira Dutra, Diorgines da Costa Nunes, Larissa Aparecida da Silva Cabral, Tessa Chimalli

Fotografia: Douglas Alvaristo - **Ilustrações decorativas:** <http://br.freepik.com/>

Arte gráfica e diagramação: Rodrigo da Silva Teixeira

APOIO:



AGRICULTORES CAMPONESES: O JEITO DE SER, VIVER E PRODUZIR NO SÍTIO AGROECOLÓGICO OLHO D'ÁGUA

Nº 40 - Julho de 2016

Na Comunidade de Córrego Seco, município de São Mateus, encontra-se o 'Sítio Agroecológico Olho d'água'. Protegido pela sombra de mangueiras, coqueiros e açaís, em meio a uma área de monocultivos de café, pimenta-do-reino e pastagens degradadas, o sítio envolve a todos com a energia positiva da agroecologia. As músicas inspiradas nas histórias de lutas do camponato e entoadas por Emerson fazem parte também desta energia agroecológica. O sentimento de pertença aos elementos naturais e espirituais é intenso; uma terra abençoada por Deus e cuidada pela família camponesa da Mônica, Emerson e Francisco, que juntos expressam seu amor pela vida em cada cantinho da propriedade

O sítio é repleto de poesia, música, estudos, trocas de saberes e relações harmoniosas de gênero e geração. A família participa dos movimentos sociais e da organização da escolinha na comunidade. Não há dúvidas, nessa terra há uma família camponesa!

A história da família se mistura com farmácias e movimentos sociais

Emerson diz que sempre sonhou em poder viver na terra e da terra e brilha os olhos quando comenta que fora influenciado pelos ensinamentos de seu pai, um grande mateiro (conhecedor e explorador astuto de árvores nativas). No entanto, quando tinha 14 anos sua família teve que mudar para a cidade, forçando-o a trabalhar no ambiente urbano, onde atuou como farmacêutico prático. Passou 22 anos nesse ramo. Devido à forte relação com a terra, com a questão agrária, por ser músico e gostar das canções que tocavam nas festas da reforma agrária, Emerson conheceu e se aproximou do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tornando-se simpatizante da luta camponesa.

A Mônica enquanto isso morava em outra cidade. Em determinada época de suas vidas o destino os colocou para trabalhar não só na mesma cidade, em Sooretama/ES, como também quase na mesma rua. Mônica, que também trabalhava em uma farmácia, tinha 15 anos quando conheceu Emerson. A partir daí foram se conhecendo melhor, começaram a namorar e resolveram construir uma história juntos.

No início do relacionamento se mudaram para um apartamento em Sooretama, mas o sonho de voltar para terra ainda estava vivo dentro do Emerson e a Mônica, com todo seu carinho e companheirismo e seus próprios sonhos, resolveu construir junto de Emerson este sonho especial de voltar para o campo. Em 2006, com o dinheiro que juntaram durante a vida de trabalho em farmácias, resolveram comprar um terreno em parceria com o irmão de Emerson.

Devido à dinâmica de vida logo dividiram a terra, tocando aproximadamente 12 hectares para cada. Neste momento, a ideia era de contratar alguém para cuidar da terra e durante os fins de semana irem no sítio descansar e colher algum alimento que era produzido ali sem veneno. Emerson comentou que nunca o resultado era o que eles esperavam, pois era complicado achar alguém para a tarefa de cuidar da roça, visto que quando dizia que não aceitavam o uso de agrotóxico muitos desistiam da pe- leia ou simplesmente não cumpriam com os combinados.



Foto da família (da esquerda pra direita temos: Mônica, Francisco e Emerson)

A chegada do Francisco inspira mudanças

Após seis anos de relacionamento Mônica e Emerson recebem a graça do filho Francisco, cujo nome é homenagem ao mártir Chico Mendes. Em 2010 o Francisco já tinha dois anos e o espaço do apartamento já se fazia pequeno demais para tanta energia de uma criança. Em meio aos descontentamentos com a vida na cidade, com o modo pelo qual a propriedade vinha sendo cuidada e pela pouca liberdade que podiam oferecer ao Francisco, resolveram então largar a farmácia, o apartamento e ir de vez viver na própria terra.

Dada a notícia, a família de ambos deram

conselhos do tipo: “Vocês não deveriam fazer isso, vão sobreviver de que?”, “A vida na roça é muito difícil, não vão dar conta!”, “Vocês vão voltar pra cidade rapidinho, vão ver só!” Mas o chamado sempre foi forte e se fortaleceu mais ainda com a chegada do Francisco. Lá se foram os três viverem uma nova vida!

Tinham consciência de que não seria fácil, mas estavam mais do que dispostos a enfrentar as dificuldades por uma vida mais saudável, um ar mais puro e a liberdade.

Roça Camponesa: Lar, Laboratório, Escola e Militância

No início realmente não foi fácil. A família tinha um dinheiro guardado que deu pra segurar as pontas até que a propriedade começasse de fato a dar retorno. E na verdade não demorou muito, logo já começaram a colher os primeiros frutos e a sentir o poder da mãe terra em gerar e garantir vida!

Para viver no campo é necessária identidade camponesa, que se resume no amor pela terra, pelos animais e vivência harmônica com as forças da natureza. Esse amor o Emerson herdou de seu pai, o qual sempre trabalhou na roça, com técnicas e conhecimentos tradicionais repassados pelos mais velhos; a roça era muito diversificada, os cultivos eram feitos em interação com a natureza, tudo tinha um tempo certo para plantar e colher. Como reflexo dessa herança, foram para o sítio já com a ideia de não usar veneno. Emerson diz *“que os camponeses são os guardiões das sementes. Quando um agricultor convencional vai plantar milho, por exemplo, pensa logo em ir à loja comprar a semente. Isso não é agricultor! A semente tem que ser crioula, da sua propriedade ou do vizinho, da terra”*. Estes elementos são percebidos ao chegar no paiol que fica perto da casa, quando se vê as garrafas pets cheias de sementes de variedades de feijão e milho e também na geladeira da casa, onde as sementes sempre competem de forma vitoriosa com os alimentos que ali deveriam ser acondicionados, relata Mônica.

Armazenamento de Sementes crioulas

A identidade camponesa foi fortalecida com as discussões entre as famílias camponesas nos encontros do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), para o qual dizem ‘tirar o chapéu’. É no movimento que estão sempre atualizando e trocando conhecimentos e se sentem com o dever cumprido ao ter o reconhecimento no campesinato enquanto forma de conviver com a terra.

A família diz que assumir a identidade de agricultor agroecológico, ser um camponês de verdade, significa trabalhar. Trabalho digno e prazeroso e percebido quando Emerson comenta: *“Quando olho pra trás e vejo essa nossa terra produzindo tudo isso, e com nosso filho nela, me sinto mil vezes realizado. Ter a liberdade no seu trabalho é a melhor coisa do mundo, pois assim você faz as coisas com prazer.”* E Mônica acrescenta: *“Nós, por exemplo, não trabalhamos na hora do sol quente. Depois do almoço é a hora do sono revolucionário!”*

Além do MPA, fazem parte também do núcleo de base de educação da comunidade em que vivem e são engajados na luta contra a nucleação da escolinha rural. Francisco está no 4º ano e sua escola adota a pedagogia da alternância em educação do campo. Quando o Francisco é questionado sobre ir estudar na cidade logo responde: *“Claro que não! Lá não tem nada a ver com aqui onde eu moro!”* E completa: *“Aqui eu tenho aula de português, matemática, ciências, história, geografia,*

música e agricultura!”. Mônica e Emerson valorizam uma educação que aproxime o filho dos valores humanos e do campesinato e se dizem realizados ao terem voltado para terra e hoje verem seu filho nela. Emerson olha para o Francisco todo orgulhoso e diz: *“Essa é a cara do camponês!”*.

O avanço da agroecologia depende, entre outros fatores, de crianças como o Francisco, engajadas desde cedo na identidade camponesa e incentivado a dar continuidade ao trabalho junto dos pais. Na agroecologia a boa relação entre gerações é importante, pois daí nasce novas ideias que se atrelam e dão novos frutos para a superação conjunta de desafios que se colocam ao longo do caminho e construção da sabedoria camponesa.

Atualmente, um grande desafio para a família é a mudança do clima nesta região do ES, principalmente em relação à acentuada redução das chuvas. A falta de água vem castigando a região e levando muitos agricultores a grandes perdas em suas plantações de café e pimenta-do-reino irrigadas, causando prejuízos econômicos sem antecedentes. As práticas agroecológicas contribuem para conviver com as mudanças do clima. Por que? Para superar a falta de chuva, por exemplo, a família adota a estratégia de aproximação da cultura Nordestina, que faz agricultura convivendo com o semiárido desde sempre. Deste modo, a família planta duas culturas típicas do Nordeste: a palma e a pitaia, dois tipos de cactos e por isto resistentes à seca. A palma serve de comida para os animais e para o preparo de biofertilizante utilizado na propriedade. A pitaia (foto) é uma frutífera e quando comercializada contribui para aumentar a renda da família. A palma ainda serve de quebra-vento e está plantada bem nas entradas da estufa (foto), a qual é utilizada para secagem do milho, feijão, café e pimenta-do-reino. As estufas contribuem para



Estufa + palmas na entrada da estufa

o beneficiamento dos produtos, o que agrega valor aos mesmos e aumenta a autonomia da família. A família ainda planta o capim vetiver em curva de nível em alguns locais de cultivos, para proteger contra as enxurradas e contribuir para uma maior infiltração da água da chuva. O cultivo da pimenta, mais exigente em irrigação, está sendo substituído por pupunha, menos exigente em irrigação, e pitaia.

A diversificação é também uma boa estratégia para conviver com os problemas de mudança de clima, pois assim não ficam dependente só de um produto. Além disto, um produto pode ajudar na proteção do outro. Assim, o café é consorciado com banana e mandioca, o feijão é consorciado com milho e arroz de sequeiro. Além disto, eles estão implantando um sistema agroflorestal com seringueira, cacau e cupuaçu. Toda essa astúcia do olhar camponês em sinergia com a mãe terra só pode render os melhores frutos e flores que compõem o bem-viver dessa família!



Mística de acolhida com elementos do MPA e luta camponesa

Soberania, segurança alimentar e geração de renda

A propriedade é muito diversa! Existem parte delas se encontra na reserva de quatro hectares, onde está protegida a nascente. Há ainda muitas espécies e flores, que podem ser comestíveis ou contribuir para o embelezamento da propriedade, atrair insetos e polinizadores como as abelhas e vespas. A família também é apicultora e das abelhas ainda retiram o mel que melhora a alimentação e a renda da família. Além das abelhas, tem ainda as galinhas caipiras e seus ovos, a porca e os peixes que são exclusi-